

“MÚMIA DE UM CHEFE COROADO”? ANÁLISE ICONOGRÁFICA E CONSIDERAÇÕES SOBRE UM ENTERRAMENTO INDÍGENA REPRESENTADO POR JEAN BAPTISTE DEBRET

Leandro Guimarães Ribeiro¹

Bacharel em História e em Arqueologia - Universidade Federal de Rondônia

Gegliane Neves da Silva²

Bacharela em Arqueologia – Universidade Federal de Rondônia

Resumo

Jean Baptiste Debret, integrante da Missão Artística Francesa, durante sua estada no Brasil elaborou desenho de um enterramento indígena atribuído aos povos denominados Coroados, que viviam na região do atual Sudeste brasileiro. Através da análise iconográfica, aliada a dados obtidos em fontes primárias acerca desse grupo indígena, além de fontes arqueológicas, é possível verificar quais os discursos estão implícitos nessas fontes, a fim de se compreender como os enterramentos indígenas eram percebidos pelos europeus.

Palavras-chave: Enterramento indígena; Coroados; Iconografia; Debret.

“MUMMY OF A COROADO CHIEF”? ICONOGRAPHIC ANALYSIS AND CONSIDERATIONS ABOUT NA INDIGENOUS BURIAL REPRESENTED BY JEAN BAPTISTE DEBRET

Abstract

Jean Baptiste Debret, a member of the French Artistic Mission, during his stay in Brazil drew up a drawing of an indigenous burial attributed to the so-called Coroados peoples, who lived in what is now Southeast Brazil. Through iconographic analysis, combined with data obtained from primary sources about this indigenous group, in addition to archaeological sources, it is possible to verify which discourses are implicit in these sources, in order to understand how indigenous burials were perceived by Europeans.

Keywords: Indigenous burial; Coroados indians; Iconography; Debret.

¹ Bacharel em História e em Arqueologia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

² Bacharela em Arqueologia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

INTRODUÇÃO

Desde o início da colonização do Brasil, no século XVI, exploradores, colonizadores, religiosos, naturalistas e viajantes que contataram os numerosos povos indígenas que viviam na América Portuguesa fizeram anotações sobre práticas de enterramentos dos povos originários. Essas anotações davam conta que algumas destas práticas eram distintas entre si, enquanto outras eram similares (NÓBREGA, 1931; STADEN, 1930; THEVET, 1944; GANDAVO, 2008; LÉRY, 1961; CARDIM, 1925; ÉVREUX, 1874; ABBEVILLE 1874)³. A partir do século XIX, período marcado por diversos relatos de naturalistas e viajantes europeus que vieram ao Brasil, além dos registros escritos se intensificaram as representações iconográficas de povos indígenas, bem como de seus costumes e práticas, dentre os quais os dos enterramentos (MARCOY, 1869; KELLER, 1874; CREVAUX, 1883).

Este artigo aborda uma dessas representações, feita pelo francês Jean Baptiste Debret (1768-1848). O objetivo é estabelecer diálogos entre análises iconográficas e relatos feitos por outros viajantes, sobre os povos conhecidos genericamente como Coroados, dos quais Debret desenhou uma urna funerária com o corpo de um chefe daquele grupo. Também propomos diálogos com a Arqueologia, especialmente no conhecimento de vasilhas cerâmicas indígenas escavadas na região registrada como sendo a área ocupada pelos Coroados. Ao fim, será verificado se as informações obtidas e comparadas coincidem entre si ou não. Além disso, buscou-se analisar quais os discursos estão implícitos nas fontes estudadas, a fim de se compreender como os enterramentos indígenas eram percebidos pelos europeus.

Em relação às fontes, utilizou-se o desenho intitulado “*Múmia de um chefe coroadado*”, de Debret, que ilustra a obra “*Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*” (1972); quanto às fontes documentais, na obra mencionada encontra-se a descrição do desenho, a qual será analisada conjuntamente com outras fontes primárias que trataram dos povos chamados Coroados. Consideramos importante uma abordagem arqueológica dos estudos que tratam de morfologia da cerâmica, onde fizemos comparação entre a vasilha desenhada por Debret e aquelas conhecidas em termos arqueológicos para a região onde vivia aquele povo (SEDA et Al. 2011; LEMOS, 2020).

DEBRET E SUA REPRESENTAÇÃO DE UMA “MÚMIA” INDÍGENA

Jean Baptiste Debret, artista francês oriundo de uma família burguesa, veio para o Brasil em 1816 na “Missão Artística Francesa” patrocinada por D. João VI. Permaneceu nos trópicos pelos próximos quinze anos, quando retornou ao país de origem, publicando sua “*Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*” entre 1834 e 1839. Debret se interessou pelos povos indígenas, pelos negros livres e escravizados e pelo cotidiano colonial e posteriormente do país recém-independente.

³ Essas são as primeiras referências, do ponto de vista temporal e histórico, de relatos acerca de práticas mortuárias indígenas no Brasil. A quantidade de fontes conhecidas é extensa e sua abordagem não caberia neste artigo.

Quanto aos coletivos indígenas, Debret deixou muitas anotações, a maioria das quais com as suas impressões. Registrou desde aspectos sociais de povos que viviam em aldeias afastadas dos centros urbanos, até indígenas que integravam a sociedade colonial brasileira, realizando os mais variados ofícios. Todavia, nos últimos anos, alguns trabalhos apontam para possível prática de plágio sobre obras de outros viajantes que estiveram no Brasil antes ou concomitante a permanência de Debret, suscitando inclusive questionamentos quanto a se o francês realmente viajou pelo país ou se deteve na província do Rio de Janeiro (EQUIPE BRASILIANA ICONOGRÁFICA, 2018).

Para a descrição do enterramento de um chefe Coroado, é necessário primeiro contextualizar quem era esse povo, para em seguida realizar descrição gráfica do desenho a que alude. Debret infere que os Coroados viveram, em fins do século XVIII e início do XIX no vale do rio Paraíba do Sul, na então capitania do Rio de Janeiro. Tiveram contato muito cedo com os colonizadores, o que promoveu o extermínio de boa parte da sociedade Coroado e levou os poucos sobreviventes a viverem em aldeias afastadas. Foram estereotipados de várias formas, dentre elas na condição de selvagens. Ficaram conhecidos pelos inúmeros conflitos com os Puris, povo da mesma filiação linguística – Jê, e da mesma região (DEBRET, 1972; SPIX; MARTIUS, 1981; NIMUENDAJU, 1981, 1987).

Segundo Debret, os Coroados costumavam praticar enterramentos diferenciados para os seus chefes, os quais eram inumados em posição agachada, dentro de grandes urnas funerárias, chamadas pelo francês de “*camuci*”. O cadáver era ornado com plumas, armas e pintura na região dos olhos. A urna era enterrada em cova profunda, ao pé de uma grande árvore. Nas palavras de Debret:

os coroados tinham, antigamente, o costume de enterrar seus chefes dentro de um grande vasilhame de barro, chamado “*camuci*”, que se enterrava assaz profundamente aos pés de uma árvore grande. Nas derrubadas, encontram-se muitos hoje em dia.

Essas múmias, revestidas de suas insígnias, encontram-se perfeitamente intactas e são sempre colocadas na sua urna funerária de modo a conservar a atitude de um homem de cócoras, posição natural do índio que descansa (DEBRET 1972, p. 32).

Antes de passarmos às considerações iconográficas do desenho em tela, é necessário realizar um exercício de revisão bibliográfica dos dados etno-históricos acerca dos Coroados.

QUEM ERAM OS COROADOS?

Uma das primeiras menções a esse grupo indígena data do século XVIII, sendo que no século seguinte as referências são em maior quantidade e com mais informações (CASAL, 1817; WIED, 1989; MARTIUS 1867; SPIX & MARTIUS, 1981). Cabe salientar que a designação Coroado é genérica, de origem colonial e atribuída a povos de línguas e culturas distintas e que viviam especialmente no centro-sul do atual território brasileiro. A designação foi dada em alusão ao corte de cabelo nos homens, que raspavam o alto

letivo indígena relativas a uso de armas, casamento, o uso do botoque como adorno, etc., são conhecidas em Eschwege (2002) e Carl von Martius (1867).

Viviam em aldeias formadas por uma casa grande (no máximo duas), feita em madeira e barro, nas quais viviam muitas pessoas. Dormiam em redes. Casal ressalta que nas casas moravam até 100 famílias, mas tal número deve ser tomado com cautela, submetido a estudos mais aprofundados, o que foge do escopo deste artigo. A fonte consultada também aborda aspectos relacionados a casamentos e nascimentos e também das práticas mortuárias dos Coroados: “enterram os mortos assentados. Antigamente sepultavam os caciques encolhidos dentro de grandes vasos de barro cilíndricos, denominados *campeis*, dos quais se têm desenterrados alguns ainda com ossos” (CASAL, 1817, p. 207 – grifo no original).

Por ora não será aprofundada a questão, mas percebe-se que há discordância de informações entre Casal e Debret acerca do estado de conservação dos restos mortais dos caciques Coroados, quando posteriormente encontrados.

“MÚMIA DE UM CHEFE COROADO”: ANÁLISE ICONOGRÁFICA

Pelo menos desde a metade do século XX, produções voltadas para análises iconográficas têm surgido em quantidade e especialmente pensadas para o desenvolvimento de história da Arte. Merecem destaque os apontamentos de Erwin Panofsky em relação à “apreensão da arte visual” (MAZZOLA, 2016, p.416), cujo método preceitua três fases: a da *descrição iconográfica*, *análise iconográfica* e *interpretação iconológica* (PANOFSKY, 2007, p. 47). Portanto, utilizou-se essa referência para abordar o desenho de Debret tema deste artigo.

A gravura, cujo título original é “*Momie d’un chef de Coroados*”, trata-se de pintura datada de 1834, com dimensões de 31,6 x 24,1 (Figura 2). Existe uma versão litografada, pertencente à coleção da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Observa-se o cadáver de um indígena em posição de cócoras, de frente para o observador. Suas pernas estão flexionadas com os joelhos na altura dos ombros. Na mão esquerda (do observador), o cadáver apoia um mamífero, possivelmente um quati-de-cauda-anelada (*Nasua nasua*), este com a cabeça ligeiramente inclinada para cima e a cauda flexionada para a lateral do corpo. A mão direita do cadáver segura uma espécie de bastão possivelmente feito em madeira e ornado de penas azuis e amarelas.



Figura 2 – J. B. Debret, “Momie d’un chef de Coroados”. 1834. Litografia sobre papel 31,6 x 24,1 cm. Acervo da Biblioteca Nacional. Fonte da Imagem: Brasiliana Iconográfica (modificado).

O corpo do chefe Coroado está ornado com vários adereços feitos com plumária: na cabeça, um cocar com penas vermelhas; suas orelhas com penas amarelas. Sobre o peito, uma faixa diagonal, da esquerda para a direita, com penas vermelhas, bordada com penas amarelas. O quadril está com uma indumentária confeccionada em penas igualmente vermelha, com borda amarela. Por fim, logo abaixo dos joelhos, um par de ornamentos com penas vermelhas e detalhes em materiais nas cores preta e vermelha (?), possivelmente penas. É muito provável que a matéria-prima dos adereços tenha sido obtida de araras das espécies canindé (*Ara ararauna*) e vermelha (*Ara macao*). A pintura de Debret mostra que no rosto do chefe Coroado foram feitas alterações nos olhos, pintados de preto e branco; percebe-se ainda que há enchimento na cavidade bucal, deixando os dentes parcialmente à mostra.

Por fim, o cadáver foi posto em uma urna funerária, uma vasilha com asas, feita em cerâmica, grande o suficiente para que pudesse caber o corpo. Como fechamento da urna, utilizou-se uma tampa, também em cerâmica. Debret simulou a urna como quebrada, com fragmentos postos em frente à vasilha em maior quantidade à direita e com fragmentos menores à esquerda.

Em relação às cores usadas por Debret, nota-se que foram utilizadas cores frias para representar a base sobre a qual a urna funerária está assentada, e cores quentes para o desenho do cadáver e seus ornamentos e acompanhamentos.

Feito o breve exercício da descrição iconográfica, passaremos a comparar informações vindas da Arqueologia com o a gravura de Debret. Será necessário também revisar os apontamentos feitos por Aires de Casal (1817) e Wied (1989) para buscarmos obter mais subsídios que possam estabelecer a compreensão de como os europeus, representados pelo artista francês, viam os povos indígenas no Brasil.

ARQUEOLOGIA: ANÁLISE MORFOLÓGICA DA URNA FUNERÁRIA

Entre o século XIX e a primeira metade do século XX foram realizadas as primeiras classificações das cerâmicas de povos indígenas do início do contato com europeus a períodos mais recuados; as informações foram baseadas através da etnografia e etnohistória, assim observando duas classes: na Bacia Amazônica reconheciam-se cerâmicas mais elaboradas e de formas mais expressivas, e nas outras regiões, uma cerâmica mais simples.

Através do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), na década de 1960, passa-se a obter uma metodologia que se compõe em classificar as cerâmicas identificando tipos, fases e tradições, obtendo recursos dos dados arqueológicos como correlações etnohistóricas e etnolinguísticas. O elemento principal da classificação foram os antiplásticos, a decoração e as formas dos vasilhames. Em 1961 o casal Betty Meggers e Clifford Evans elaborou quatro horizontes cerâmicos, hipotéticos, utilizando-se da presença ou ausência de determinados traços, no qual a descrição estaria nas técnicas decorativas (SILVA, 2017, p.17).

Com o encerramento do PRONAPA surgiram críticas conforme o modelo metodológico utilizado para classificar essas cerâmicas; contudo, surgiu uma ideia de revisão refinando os critérios adotados, mas agora abordando o técnico-funcional do vasilhame, dos quais entrelaçam com informações etnohistóricas, etnográficas e nos modelos de expansão baseados em dados linguísticos.

Dentre essas pesquisas arqueológicas de análises cerâmicas a mais completa se destaca o livro *“Cerâmica Guarani”*, de La Salvia & Brochado (1989). Os autores elaboraram os procedimentos para análise das cerâmicas Guarani desde a sua manufatura ao descarte. Dentre as informações, e que são utilizadas atualmente, encontram-se as técnicas de produção observadas nas vasilhas: acordelada e modelada; ambas se diferenciam pela forma que são postas. A acordelada consiste em sobrepor roletes e finalizar com um acabamento; já na modelada, esta técnica consiste em aplicações de apêndices que fixa nas paredes (alças, pliques zoomorfos, antropomorfos) e algumas bases.

A análise morfológica de uma vasilha cerâmica consiste em borda ou boca, corpo da vasilha e bojo, essa parte entre a base e o pescoço, e por fim, a base. A borda nos proporciona diferenciar conjuntos tecnológicos e uma possível reconstrução ao menos o

contorno, podendo ser analisada (com fragmento por maior) sua forma, inclinação, espessamento, tipo de lábio e diâmetro de abertura. O corpo da vasilha apresenta carena, às vezes, e o bojo geralmente possui maior diâmetro; flanges são extensões que acontecem na borda externa ou do corpo elaboradas para decorações plásticas. A base é a parte inferior do vasilhame e pode ser confeccionada tanto modelada quanto acordelada e muitas vezes tem forma convexa, côncava, anelar ou em pedestal (SILVA, 2017, p. 42).

Com essas descrições do procedimento de análise morfológica e analisando a litografia disposta nesse trabalho, adentraremos nossas descrições da morfologia seguindo o roteiro: borda, corpo da vasilha, bojo e base. A tampa, iremos descrever isoladamente, e em seguida discutiremos como um todo.

Com o vasilhame disposto defronte, notamos que a borda possui uma espessura grosseira, já que na representação da quebra do vasilhame é possível ver seu núcleo e esse denota uma forma de lábio desconhecida das formas já identificadas arqueologicamente. No corpo da vasilha não há diagnóstico arqueológico, mas é válido ressaltar que toda a parede da vasilha apresenta uma espessura muito fina em relação à borda. No bojo do vasilhame foram postos dois apêndices, um em cada lado, supostamente, como asas. Essas se apresentam como meio círculo obtendo uma cavidade, possivelmente para o encaixe das mãos. Na base do vasilhame notamos que existe uma elevação do final da parede ao encontro da base criando uma curva suave, como se trata de uma litografia, possivelmente existiu alguma questão quanto à pintura.

A tampa da urna não se caracteriza com nenhum traço de diagnóstico arqueológico; a tampa possui um diâmetro que se assemelha ao que é encontrado, muitas vezes, junto a urnas funerárias, mas se diferencia na sua profundidade que na imagem se apresenta com mais cavidade e possui um apêndice como algo de suporte para tampa.

Dentre as análises morfológicas observadas notamos a presença, possivelmente, de um desgaste ou coloração na borda de coloração escura, a mesma que acontece na tampa. Nas Cerâmicas arqueológicas, já analisadas, sobretudo urnas funerárias, tendem a ser encontradas com motivos bem elaborados com pinturas ou, muitas vezes, associados a mitologias. A tampa se apresenta mais com uma tampa de panela de modelos europeus à época do que diagnósticos arqueológicos, ou seja, traços que para arqueologia são definidores de associação a povos originários do Brasil.

Existente na arqueologia como procedimento de reconstrução, nota-se que o vasilhame desenhado por Debret é erroneamente representado na base sem simetria, pois é notório que é menor que a borda da vasilha e a presença de uma curva no encontro da base com a parede nos deixa intrigados, já que para bases de vasilhame se classificam aqueles supracitados, possivelmente esse detalhe dá-se pela litografia e não teríamos veracidade dessas informações. Alguns trabalhos com análises da cerâmica abordam “grandes vasilhas” de uso para bebidas e que receberam uma segunda função especificamente como urnas funerárias e contendo pinturas, dentre essas estão as tradições policrômicas na Amazônia e Guarani (BROCHADO, 1989; BARRETO, 2005, 2009; VASSOLER,

2014). A ornamentação no morto não é descrita nas regiões do Brasil, mas em um relato do naturalista germânico Georg W. Freireyss, sobre os Coroados ele diz:

(...) não adoram Deus algum bom, mas temem um genio máu que elles se figuram na trovoada, sem comtudo importarem-se mais com elle. Que porem entre elles exista uma vaga idéa a respeito da immortalidade da alma, como entre todos os povos na sua infancia, não há dúvida porque, deixam aos mortos as armas no tumulo para, como dizem, “usar lá em cima”.

Um enterro entre os coroados apresenta certas singularidades. Primeiro quebram todos os ossos do cadaver e depois collocam-no assim nos grandes potes de barro em que preparam a sua bebida de milho fermentado. Si foi um chefe de família que morreu, enterram-no no meio da cabana que elle habitava em vida e em seguida abandonam o logar. Voltando por acaso e durante as suas caçadas para o logar onde os seus mortos estão enterrados, testemunham a sua lembrança delles por altos gritos e lamentos (FREIREYSS, 1902, p. 245-246).

Segundo ainda esses relatos do naturalista, ele destaca sobre a morfologia das vasilhas de preparo da bebida fermentada “*na qual se regalam com a bebida predilecta que fabricam fermentando o milho e que é servida em grandes potes de barro, cujo fundo pontudo está enterrado no chão*” (IDEM, p. 243) Nas pesquisas arqueológicas realizadas com cerâmicas associadas aos povos Macro-Jê no qual os povos Coroados são inseridos, foram identificados artefatos cujas bases dos vasilhames pontudos foram caracterizados como tradição Una.

Através destas comparações da descrição e relatos é possível dizer que a litografia de Debret nada se compara com vasilhames de diagnóstico arqueológicos, ou seja, vasilhames indígenas. Trata-se possivelmente de plágios ou até mesmo descrições de painéis voltadas a modelos europeus a época, contudo deixamos claro que a precisão, ou melhor dizendo, a veracidade das informações são base críticas do que Debret chamou de “fidedignas” que para nós nada se atesta como tal.

QUAIS SÃO OS DADOS ARQUEOLÓGICOS PARA A REGIÃO DOS COROADOS?

Conforme já mencionado, viajantes e cronistas apontaram a região entre o sudeste das Minas Gerais e o noroeste da capitania do Rio de Janeiro como o local ocupado pelos Coroados. A arqueologia da região do Sudeste brasileiro teve início no século XIX com as pesquisas do dinamarquês Peter Lund, na região de Lagoa Santa, Minas Gerais. Nos últimos cinquenta anos se intensificaram as pesquisas arqueológicas, as quais apontam para ocupação de grupos indígenas que confeccionavam cerâmica e praticavam a agricultura há pelo menos 3500 anos (MORAIS, 2000; SEDA et Al. 2011).

Na região em estudo, registrou-se a ocupação de diversos povos, dentre esses um cuja cultura material foi arqueologicamente denominada *Tradição Una*⁴, caracterizada por habitações feitas em grutas e sítios a céu abertos, cerâmica com formas globulares e cônicas, não muito grandes, em geral menores que 30cm de altura (SEDA et Al, 2011).

4 Em Arqueologia, Tradição se refere a tecnologias cerâmica ou lítica que apresentam amplitude temporal e espacial (BARRETO, LIMA, BETANCOURT, 2016). Estudos interdisciplinares com Etnologia e Linguística algumas vezes tentou estabelecer Tradições a filiações linguísticas, especialmente na Pan-Amazônia (RODRIGUES, 1964; ZUSE, 2014).

Quanto aos enterramentos dessa Tradição, foram relatadas tanto a deposição de ossos quanto de cinzas dentro das vasilhas mencionadas, então usadas como urnas funerárias, prática denominada na Arqueologia de enterramento secundário (MACHADO, 1990; SEDA et Al, 2011), mas também há registro de enterramento primário, com deposição de grandes fragmentos cerâmicos sobre o corpo de um indivíduo adulto (SEDA, 2014). De acordo com as pesquisas arqueológicas, o conjunto material Una possivelmente era produzido por povos de língua Jê (IDEM, 2014). A cremação dos mortos e posterior enterramento das cinzas em vasilhas cerâmicas foi registrado em outros sítios arqueológicos e entre grupos Jê, em outras regiões do Brasil (SOUZA, 2012).

OS COROADOS MUMIFICAVAM SEUS CHEFES MORTOS?

Um dos primeiros questionamentos que fizemos ao ter conhecimento da gravura “*Múmia de um chefe Coroado*” foi: de que forma os Coroados enterravam seus mortos? A gravura de Debret refletia, ou, ao menos se aproximava da realidade? Se não, que informações ela possui nas entrelinhas e que dizem mais do artista que das práticas mortuárias daquela sociedade indígena? Para tentar responder, determinamos que dialogar com informações históricas, etnográficas e arqueológicas seriam os passos a serem dados.

Conforme lido nos parágrafos anteriores, quando comparadas, as práticas mortuárias anotadas por Manuel Aires de Casal (1817) e Debret (1972) apresentam consideráveis diferenças. O primeiro deixou anotado que os Coroados sepultavam seus chefes em urnas funerárias, cilíndricas, aos quais chamou *campeis*. Não há maiores detalhes sobre a preparação do cadáver, todavia, é outra informação que se destaca: a de que urnas funerárias dos Coroados desenterradas continham fragmentos de ossos humanos. Dada o resumido relato de Casal, é difícil afirmar se os ossos estavam cremados ou se apenas secos. No primeiro caso, seria possível afirmar se tratar de prática mortuária de povo Jê, portanto, com grande possibilidade de associação aos Coroados. O relato de Freyreiss reforça essa hipótese, vez que esse viajante observou a quebra dos ossos dos mortos entre os Coroados, para que pudesse caber dentro da urna funerária.

Sendo assim, é questionável se os chefes Coroados eram, realmente, inumados dentro de urnas funerárias, com adereços e outros acompanhamentos funerários, e, além disso, com o corpo mumificado. Mais além: Debret de fato observou um rito fúnebre entre os Coroados, ou se baseou em outras fontes? Na segunda hipótese, seriam confiáveis? A pesquisa indica que talvez o artista francês tenha elaborado sua gravura a partir de dados históricos de povos Tupi habitantes do litoral brasileiro nos séculos XVI e XVII.

Encontramos na *Viagem ao Norte do Brasil*, do padre capuchinho francês Ives d’Évreux descrição detalhada de um enterramento Tupinambá observado na Ilha de São Luís, no Maranhão, em 1613. As informações coligidas guardam grande semelhança com a gravura de Debret:

[...]tomam o corpo, ja cheio de pennas na cabeça e nos braços, uns o vestem com um capote, outros lhe dão um chapeo, si o ha, trasem-lhe o massinho de petum,

seo arco, frexas, machados, foices, fogo, agoa, farinha, carne e peixe e o que em vida elle mais apreciava.

Faziam depois um buraco fundo e redondo em forma de poço: assentavam o morto sobre seos calcanhares conforme era o seo costume, e á cova desciam-no de mansinho accommodando ao redor d'elle a farinha, a agoa, a carne, o peixe e ao lado de sua mão direita afim de poder pegar em tudo com facilidade e na esquerda arrumavam os machados, as foices, os arcos e as frexas.

Ao lado d'elle faziam um buraco, onde acendiam fogo com lenha bem secca afim de não apagar-se, e despedindo-se d'elle o incubiam de dar muitas lembranças á seos paes, avós e amigos, que dançavam nas montanhas, alem dos Andes, onde julgam ir todos os mortos.

Um dão-lhes presentes para levarem a seos amigos, e outros lhe recomendam, entre varias coisas, muito animo no decorrer da viagem, que não deixem o fogo apagar-se, que não passem pela terra dos inimigos, e que nunca se esqueçam de seos machados e foices quando dormirem n'algum lugar (ÉVREUX, 1874, p 113-114).

Em diversas culturas indígenas, o enterramento dos chefes determinava maiores cuidados e ritos muitas vezes elaborados, que contavam com a participação de toda aldeia. A maioria dos relatos de ritos funerários feitos para os caciques registrou o preparo do corpo com ornamentos variados, como pinturas, plumária, adornos. A diferenciação mais conhecida é a destinação do corpo: alguns povos enterravam em urna funerária; outros mumificavam; havia aqueles que, após certo tempo, desenterravam os restos mortais, extraíam os ossos (em geral fêmures, costelas, crânio) e os guardavam em cestas ou enterravam pela segunda vez em urnas funerárias pequenas; são conhecidos, também, grupos que incineravam os ossos e o inumavam definitivamente, tanto em vasilhas abertas, quanto em vasilhas fechadas, com o uso de tampas. Essas descrições são apenas alguns exemplos; outros mais são conhecidos (CREVAUX, 1883; MÉTRAUX, 1947; CHAUMEIL, 1997).

Considerando os dados arqueológicos que abordaram escavações com contextos funerários em sítios de povos Jê, registrou-se a cremação dos ossos, com posterior enterramento em vasilhas cerâmicas; possíveis enterramento primário, em urnas funerárias pequenas, de indivíduos infantis e enterramentos em abrigos sobre rochas (MACHADO, 1990; SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA, 2005; SEDA et Al, 2011; SEDA, 2014; SOUZA, 2012), é possível que os Coroados também tinham essa prática. Ritos funerários dizem muito dos grupos humanos e, muitas vezes, estão ligados a matrizes culturais e linguísticas (FERNANDES, 1948; RUIBAL, 2003). Dessa forma, consideramos que a representação do chefe Coroadado, mumificado e posto dentro de uma urna funerária pode não refletir a realidade, sendo mais provável que Debret tenha se inspirado em relatos escritos desde o início da colonização e que tratavam das práticas mortuárias de povos Tupi, especialmente os Tupinambás, com os quais os colonizadores estabeleceram relações socioeconômicas mais aprofundadas, talvez até por isso tenham sido objeto de

maior “interesse” por parte daqueles que anotaram seus costumes, inclusive os de tratamento aos mortos (FERNANDES, 1948).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento em que os europeus pisaram a primeira vez em terras hoje denominadas Américas, teve início a modernidade, com a separação de mundos onde o europeu se tornou o centro e os demais cantos do planeta as periferias. Construiu-se o “ser asiático”, que no imaginário europeu seriam os “índios”. Os povos originários do continente americano começaram a sofrer com o encobrimento de suas culturas, com a exploração de seus corpos, através da catequese, língua e mão-de-obra (QUIJANO, 1992; DUSSEL, 1993; NOGUEIRA; SAMPAIO, 2020).

Isso significa que, desde então, os povos nativos tiveram suas culturas generalizadas, como se, “conhecendo” apenas um grupo originário, se conhecia a todos os demais, inclusive aos que resistiam ao contato com o colonizador. Debret e outros viajantes europeus não estavam alheios a esse pensamento. Por mais que tenham se esforçado em descrever características físicas, sociais e culturais dos povos indígenas, nas entrelinhas acabavam reproduzindo os discursos de encobrimento.

Nesse sentido, supomos que a gravura “Múmia de um chefe Coroado” não traduziu a realidade das práticas mortuárias dos Coroados que, sendo povos de língua Jê, talvez fosse mais certo que incinerassem seus mortos, e as cinzas depositadas em urnas funerárias, como faziam seus possíveis antepassados da Tradição Una (SEDA et Al. 2011).

É razoável considerar que talvez nenhum europeu viajante tenha observado de perto os ritos funerários dos Coroados que viviam no vale do rio Paraíba do Sul. Pode parecer contradição, mas o fato é que não é possível nem afirmar, nem negar que os Coroados talvez enterrassem seus chefes com adornos e acompanhamentos dentro de urnas funerárias, uma vez que não há qualquer registro a esse respeito. O próprio Debret muito provavelmente não viu uma urna funerária com um cadáver mumificado; pelo contrário, embora tenha afirmado que múmias “intactas” foram encontradas na sua época, ao mesmo tempo o francês afirma que isso era uma prática antiga. Aires de Casal e Maximiliano de Wied a davam como abandonada (CASAL, 1817; WIED, 1989).

Portanto, consideramos que a gravura de Debret, antes de ser reprodução fiel do que o viajante supostamente observou, seja uma representação feita a partir de leituras que tratavam das práticas mortuárias de outros povos indígenas. Encerrando, vale um alerta: ainda há muito que se estudar; novas informações poderão ou não confirmar nossa hipótese, mas o primeiro passo está dado.

REFERÊNCIAS

- ABBEVILLE, Claude d'. **História da missão dos padres capuchinos na ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças (1614)**. Tradução de Cezar Augusto Marques. São Luiz: Tipografia do Frias, 1874.
- BARRETO, Cristiana. **Arte e Arqueologia na Amazônia Antiga**. Oxford: Centre for Brazilian Studies, University of Oxford. 2005.
- _____. **Meios míticos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga**. 2009. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- _____; LIMA, Helena Pinto; BETANCOURT, Carla Jaime (orgs.). Tradição. In: _____. **Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN, Ministério da Cultura, 2016.
- BROCHADO, J. A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica da Amazônia. **Dédalo**, São Paulo, n. 27, 1989.
- CARDIM, Fernão. **Tratados da Terra e da Gente do Brasil (1583-1601)**. Introduções e notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolpho Garcia. Rio de Janeiro: Editores J. Leite & Cia., 1925.
- CASAL, Manuel Aires. **Corografia Brasilica ou Relação histórico-geográfica do Reino do Brazil**. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1817.
- CHAUMEIL, Jean-Pierre. Entre la memoria y el olvido. Observaciones sobre los ritos funerários em las tierras bajas de América del Sur. **Boletín de Arqueología PUCP**, Lima, Vol. 1, 1997.
- CREVAUX, J. **Voyages dans L'Amérique du Sud**. Paris: Librairie Hachette et Cie., 1883.
- DEBRET, Jean Baptiste. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1972.
- DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do Outro** (a origem do “mito da modernidade”) Conferências de Frankfurt. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.
- EQUIPE BRASILIANA ICONOGRÁFICA. É plágio? A repetição de personagens e cenas nos registros dos artistas viajantes (artigo). 11 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/20195/e-plagio-a-repeticao-de-personagens-e-cenas-nos-registros-dos-artistas-viajantes> . Acesso 21 Nov. 2022.
- ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. **Jornal do Brasil, 1811 — 1817: ou relatos diversos do Brasil colectados durante expedições científicas**. Tradução: Friedrich E. Renger, Tarcisia Lobo Ribeiro e Günter Augustin. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002.
- ÉVREUX, Yves d'. **Viagem ao norte do Brasil feita nos anos de 1613 e 1614 (1614)**. Tradução de Cezar Augusto Marques. São Luiz: Tipografia do Frias, 1874.
- FERNANDES, Florestan. Culto dos antepassados. In: _____. **Organização Social dos Tupinambá..** São Paulo: Instituto Progresso Editorial S.A., 1948.
- FREYREISS, G. W. Viagem ao interior do Brazil nos annos de 1814—1815. **Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo**, vol. XI, 1902.
- GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil: história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil (1576)**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.
- KELLER-LEUSINGER, Franz. The wild Indian tribes of the Madeira valley. In: _____. **The Amazon and Madeira rivers: sketches and descriptions from the note-book of an explorer**. Philadelphia: J.B. Lipincott and Co., 1874.
- LA SALVIA, F. & BROCHADO, J. P. **Cerâmica Guarani**. 2ª edição. Porto Alegre: Ed. Porsenato Arte e Cultura, 1989.
- LEMOS, Marcelo Sant'Ana. Extinção “oficial” de uma etnia através da sua desterritorialização, apagamento da cultura e da língua: o caso Puri (Parte 1). **Política Linguística e retomada/ revitalização das línguas indígenas: um tributo a Aritana Yawalapiti** (Curso de Extensão). Rio de Janeiro: Laboratório de Estudos do Discurso, imagem e som, UFRJ, 2020. Disponível em <http://www>.

- labedis.mn.ufrj.br/images/LABEDIS/CURSO.EXT/Politica.Linguistica.2020/Encontro_3_Politica_Linguistica_e_Politica_de_Linguas_1.pdf . Acesso 6 Nov. 2022.
- LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil (1558)**. Texto integral e notas de Sérgio Milliet. Local, Editora da Biblioteca do Exército, 1961.
- MACHADO, Lília Cheuiche. Sobre as práticas funerárias de cremação e suas variações em grutas do norte e noroeste de Minas Gerais. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, nº 17 (20), 1990.
- MARCOY, Paul. De Tabatinga a Santa-Maria de Belem do Para. In: _____. **Voyage a travers L'Amérique du Sud**. Tomo II. Paris: Librairie de L. Hachette et C., 1869.
- MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. **Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens**, 2 volumes. Leipzig: Friedrich Fleischer, 1867.
- MAZZOLA, Renan Belmonte. Um ensaio de análise iconográfica: laços entre a teoria da arte e o método arqueológico. **Acta Scientiarum**. Maringá, vol. 37, nº 4, out-dez/2015.
- MÉTRAUX, Alfred. Mourning rites and burial forms of the South America Indians. **América Indígena**, México, VII, nº 1, 1947.
- MORAIS, José Luis de. Arqueologia da região Sudeste. São Paulo, **Revista USP**, nº 44. dez/fev/1999-2000.
- NASCIMENTO, A. LIMA, S. Procedimentos para a análise da cerâmica arqueológica. Recife, **Revista CLIO Arqueológica Universidade Federal de Pernambuco**, 1994.
- NIMUENDAJU, Curt. **Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes** (livro). Rio de Janeiro: IBGE, 1981.
- _____. **Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes (1944)**. Escala 1: 5.000.000. 2ª impressão. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.
- NÓBREGA, Manoel. Informação das Terras do Brasil (1549). In: **Cartas do Brasil (1549-1560)**. Cartas Jesuíticas I. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1931.
- NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno. SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. Olhares literários sobre as Amazônias: pós-colonialismo, identidades e memórias no mar de águas doces. CAPAVERDE, Tatiana da Silva; AMARO, Luiz Eduardo Rodrigues; NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno (orgs). **Perspectivas literárias pós-colônias**. Boa Vista: Editora da URFF, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/43954322/Perspectivas_literarias_p%C3%B3s_coloniais Acesso 18 Nov. 2022.
- PANOFISKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. Tradução de Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/razionalidade. **Perú Indígena**, Lima, nº 13(29), 1992.
- RAMIREZ, Henri; VEGINI, Valdir; FRANÇA, Maria Cristina Victorino. Koropó, puri, kamakã e outras línguas do Leste brasileiro: revisão e proposta de nova classificação. **Liames**, Campinas, vol 15 (2). Campinas, jul.-dez./2015.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. A classificação do tronco linguístico Tupi. **Revista de Antropologia**, São Paulo, vol. 12, n. 1/2, 1964.
- RUIBAL, Alfredo González. La muerte. In: _____. **La experiencia del otro: una introducción a la etnoarqueología**. Madrid: Akal Ediciones, 2003.
- SEDA, Paulo Roberto Gomes; MACHADO, Christiane Lopes; SENE, Gláucia Malerba; SILVA, Laura da Piedade Ribeiro. Do cerrado ao mar: a Tradição Una no litoral do Espírito Santo. Rio de Janeiro, **Revista Maracanan**, vol. 7, nº 7, 2011.
- _____. Espaço e tempo nas sociedades primitivas: as Tradições Una e Tupiguarani no Rio de Janeiro Pré-Colonial. In: PEREIRA, Sílvia Dias e outros. **Formação e ocupação de litorais nas margens do atlântico – Brasil/Portugal**. Rio de Janeiro: Corbã, 2014, pp. 113-130. Disponível em: <http://www.redebraspor.org/livros/2014/07Artigo.pdf> Acesso: 29 Nov. 2022.
- SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA. **Salvamento arqueológico do Sítio Arqueológico RPO-1**, São Mateus, ES. São Paulo: SCIENTIA, 2005.
- SILVA, G. N. **Traços, pontos e modelados: análise iconográfica da cerâmica Barrancoide no sítio**

arqueológico Santa Paula - Porto Velho, Rondônia. 2017. Monografia de Conclusão de Curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal de Rondônia, 2017.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. **Viagem Pelo Brasil: 1817-1820.** Tradução Lúcia Furquim Lahmeyer. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

SOUZA, Jonas Gregório de. Áreas de atividade em dois centros cerimoniais Jê do Sul: relações entre arquitetura e função. **Revista de Arqueologia.** Rio de Janeiro, volume 25, nº 2, 2012.

STADEN, Hans. **Viagem ao Brasil (1557).** Versão do texto de Marpurgo. Revisão e anotação por Theodoro Sampaio. Coleção Publicações da Academais Brasileira. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Gráfica, 1930.

THÉVET, Fr. André. Das ideias dos selvagens a respeito da immortalidade da alma. In: _____. **Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de America (1558).** Prefácio, notas e tradução do Prof. Estêvão Pinto. São Paulo: Cia. Editorial Nacional, 1944.

VASSOLER, O. P. **Análise da iconografia em vasilhas cerâmicas da subtradição jatuarana no alto rio madeira em Rondônia.** 2014, Monografia de Conclusão de Curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal de Rondônia, 2014.

WIED, Maximiliann Prinz von (1782-1867). **Viagem ao Brasil / Maximiliano, Príncipe de Wied-Neuwied;** tradução de Edgar Süssekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

ZUSE, Silvana. **Variabilidade cerâmica e diversidade cultural no Alto rio Madeira, Rondônia.** 2014, Tese (Doutorado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.